



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**



**MARGARIDA CAMPOS: UM OLHAR SOBRE A ENFERMAGEM AMAZONENSE
NAS PERSPECTIVAS SOCIAIS, POLÍTICAS E IDEOLÓGICAS.**

LUIZ HENRIQUE GOMES SÁ

MANAUS – AM 2025

LUIZ HENRIQUE GOMES SÁ

**MARGARIDA CAMPOS: UM OLHAR SOBRE A ENFERMAGEM AMAZONENSE
NAS PERSPECTIVAS SOCIAIS, POLÍTICAS E IDEOLÓGICAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II como componente curricular obrigatório para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem da Universidade do Estado do Amazonas.

Orientadora: Prof. Dr^a Selma Barboza Perdomo

Coorientadora: Sibila Lilian Osis

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S111m

Sá, Luiz Henrique Gomes

Margarida Campos: Um olhar sobre a Enfermagem Amazonense nas perspectivas, políticas, sociais e ideológicas. / Luiz Henrique Gomes Sá. Manaus : [s.n], 2025.

23 f.: color.; 21.0 cm.

TCC - Graduação em Enfermagem - Bacharelado- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Orientador: Selma Barbosa Perdomo.

Coorientador: Sibila Lilian Osis.

1. História da Enfermagem. 2. Enfermagem. 3. Enfermeiros de Saúde Pública. 4. Narrativas. I. Selma Barbosa Perdomo (Orient.) II . Sibila Lilian Osis (Coorient.) III. Universidade do Estado do Amazonas. IV. Título

CDU(1997)616-083



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A Banca Examinadora de Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II) do (a) aluno

(a): Ruiz Henrique Gomes Sá

intitulado: Marganda Campos: um olhar sobre a enfermagem amazonense nas perspectivas sociais, políticas e ideológicas.

constituída pelos professores:

(Orientador): Selmo B. Perdomo / co-orientad. Sibilo Jilvan Osís

(Examinador): Leni Rodrigues Coelho

(Examinador): Maria de Nazare' de Souza Ribeiro

reunida na sala _____ da ESA/UEA, no dia 02/12/2025, às 11:00 horas, de conferências UDAE para avaliar a Defesa em pauta, de acordo com as normas estabelecidas pelo regulamento de TCC desta Universidade, considerou que o referido trabalho:

Foi aprovado sem alterações¹

Foi aprovado com alterações²

Deve ser reapresentado³

Foi reprovado⁴

Manaus, 02 de dezembro de 2025

1. [Assinatura]

2. [Assinatura]

3. Maria de Nazare' de Souza Ribeiro

¹ Aprovado sem alterações (Média da AP1 e AP2 $\geq 8,0$): trabalho não precisa sofrer nenhuma alteração.

² Aprovado com alterações (Média da AP1 e AP2 $\geq 8,0$): trabalho precisa incluir as correções indicadas pela Banca Examinadora.

³ Reapresentado (Média da AP1 e AP2 $\geq 4,0$ e $< 8,0$): trabalho não alcançou nota suficiente para aprovação direta e deverá ser reformulado conforme sugestões da Banca Examinadora, sendo submetido a uma nova avaliação, conforme

data marcada pelo coordenador da disciplina de TCC II acordada com a banca, e esta nova avaliação corresponderá à Prova Final (PF) da disciplina TCC II.

• **Reprovado (Média da AP1 e AP2 < 4,0):** trabalho não alcançou nota suficiente para aprovação

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi compreender a trajetória de Margarida Campos e suas inserções na Escola de Enfermagem em Manaus. O método utilizado foi História Oral de vida e temática, de abordagem biográfica tendo Margarida Campos como protagonista. As narrativas foram gravadas, transcritas e analisadas de forma analítica e interpretativa, com base em Halbwachs, Bosi e Bourdieu, relacionando memória individual e coletiva. A triangulação incluiu análise documental e busca em bases científicas, possibilitando compreender a trajetória da enfermagem amazonense no contexto histórico e institucional. Os resultados demonstram que a Escola de Enfermagem de Manaus surgiu em um cenário de reorganização sanitária impulsionado pelo Serviço Especial de Saúde Pública, refletindo a influência dos Acordos de Washington e do modelo norte-americano de formação em saúde. As memórias de Margarida Campos evidenciam um ensino pautado pela disciplina e prática características que moldaram o perfil das primeiras enfermeiras amazonenses. Com o passar do tempo, a Enfermagem Amazonense evoluiu, incorporando uma formação mais crítica, científica e comprometida com as realidades sociais da região. Este estudo reafirmou a importância de compreender a criação e consolidação da Escola de Enfermagem em Manaus como parte de um movimento histórico maior, marcado pela influência direta do SESP e pelos efeitos dos Acordos de Washington durante o período pós-guerra. A Escola representou o início de uma nova fase de ensino e prática em enfermagem na Amazônia, estruturada sobre valores de disciplina, moralidade, eficiência e obediência institucional.

Palavra-chave: História da Enfermagem, Enfermagem, Enfermeiros de Saúde Pública, Narrativas.

ABSTRACT

The objective of this research was to understand the trajectory of Margarida Campos and her involvement in the Nursing School in Manaus. The method used was Life and Thematic Oral History, with a biographical approach in which Margarida Campos is the central figure. The narratives were recorded, transcribed, and analyzed through an analytical and interpretative lens, based on Halbwachs, Bosi, and Bourdieu, relating individual and collective memory. Triangulation included document analysis and searches in scientific databases, enabling a deeper understanding of the trajectory of Amazonian nursing within its historical and institutional context. The results show that the Manaus Nursing School emerged in a scenario of sanitary reorganization driven by the Special Public Health Service, reflecting the influence of the Washington Agreements and the North American model of health education. The memories of Margarida Campos highlight an education grounded in discipline and practice—characteristics that shaped the profile of the first nurses trained in Amazonas. Over time, nursing in the region evolved, incorporating a more critical, scientific, and socially committed approach aligned with the local realities. This study reaffirms the importance of understanding the creation and consolidation of the Nursing School in Manaus as part of a broader historical movement marked by the direct influence of SESP and the effects of the Washington Agreements during the post-war period. The School represented the beginning of a new phase in nursing education and practice in the Amazon, built upon values of discipline, morality, efficiency, and institutional obedience.

Keywords: : History of Nursing, Nursing, Nurses Public Health, Narratives.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 METODO	6
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	7
4 CONCLUSÃO	8
REFERÊNCIAS.....	19

1 INTRODUÇÃO

A trajetória de profissionais pioneiros na enfermagem brasileira revela não apenas o desenvolvimento da profissão, mas também as transformações sociais e institucionais ocorridas ao longo do tempo. Nesse contexto, destaca-se a Enfermeira Margarida Campos, formada pela Escola de Enfermagem de Manaus em 1968, cuja atuação se insere em um período de consolidação da enfermagem como área estratégica para a saúde pública na região amazônica.



Imagem 1: Foto acervo pessoal.

Neste contexto, a criação da Escola de Enfermagem de Manaus esteve diretamente vinculada às políticas públicas de saúde implementadas pelo Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), órgão resultante de um acordo entre o Brasil e os Estados Unidos, inaugurado no período de 1942, que tinha como objetivo desenvolver estratégias de promoção e prevenção em saúde voltadas, inicialmente, aos trabalhadores e soldados da borracha durante o primeiro ciclo áureo da borracha.⁽¹⁾ O SESP visava atender às demandas sanitárias decorrentes da intensa exploração da Amazônia e da necessidade de garantir condições mínimas de saúde à força de trabalho da região.⁽²⁾

Com o passar dos anos, e especialmente diante do desenvolvimento urbano e econômico de Manaus, novas demandas surgiram, consolidando a necessidade de profissionais de saúde qualificados.⁽³⁾ Na década de 1960, esse quadro tornou-se ainda mais evidente com a criação da Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA) e a rápida expansão do Polo Industrial de Manaus (PIM), que transformaram profundamente a dinâmica da cidade e reforçaram a urgência de formação de enfermeiros capazes de atuar frente às novas realidades sociais e sanitárias.⁽³⁾

É nesse cenário de transformações que Margarida Campos vivenciou sua formação acadêmica em um contexto de expansão das políticas públicas de saúde e de crescente demanda por profissionais qualificados para atender às necessidades sanitárias da população amazonense.^(4,5) Esse período de transformações pode ser compreendido como continuidade de um processo histórico mais amplo de modernização urbana iniciado ainda na época da Belle

Época amazônica (1860–1910), quando Manaus passou a experimentar mudanças estruturais, sociais e culturais significativas, refletidas posteriormente nas décadas seguintes.⁽³⁾

Além da formação técnica e científica recebida, suas percepções revelam uma leitura crítica das mudanças que atravessaram a educação em enfermagem, desde os métodos de ensino até as exigências sociais e políticas impostas à profissão. Margarida Campos compreendia a enfermagem não apenas como prática assistencial, mas também como campo de transformação social, destacando a importância do comprometimento ético, da valorização da ciência e da adaptação às novas realidades vividas pela população amazônica.

Assim, sua trajetória contribui para a compreensão das bases históricas e formativas da enfermagem em Manaus e para o reconhecimento da relevância dos profissionais que ajudaram a estruturar o ensino e a prática da área na região.

As memórias da intelectual Margarida Campos constituem-se como fonte essencial para a escrita da História da Enfermagem no Amazonas, uma vez que permitem compreender, a partir de sua experiência pessoal e profissional, os processos de formação e transformação da prática de enfermagem na região. Ao resgatar suas percepções, torna-se possível identificar elementos que ultrapassam o relato individual e dialogam com o contexto histórico, social e político da época, fornecendo subsídios relevantes para a análise crítica da construção da identidade da enfermagem amazonense.

Diante destas considerações, este estudo tem o objetivo compreender a trajetória de Margarida Campos e suas percepções na Escola de Enfermagem em Manaus.

2 METODO

O método utilizado é a História Oral de vida e temática desta protagonista e de sua rede de sociabilidade serão analisados à luz de Halbwachs⁽⁶⁾ e Bosi⁽⁷⁾, no que concerne à memória social, e Bourdieu⁽⁸⁾, no que se refere à abordagem autobiográfica, dentre outros.

A despeito de a HO tratar de aspectos específicos da pessoa, entendo, a partir de Halbwachs⁽⁸⁾, que uma memória coletiva é evocada, uma vez que cada um conta sua história, esta encontra-se conectada a um contexto social e histórico a ser também considerado. Por esse motivo pode-se compreender que, ao incorporar as narrativas de diferentes personagens relacionados à rede de sociabilidade da professora Margarida Campos, serão ampliadas as possibilidades de se estabelecer novas análises, reconhecer percepções outrora desconhecidas, além de incitar novas interpretações do passado vivido. Nesse sentido, considero a primazia ensinada por Maurice Halbwachs:

De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que esse ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social (6, 2006, p.69).

A perspectiva desta investigação histórica foi a biografia, onde a vida e a obra de um autor são utilizadas como principal fonte de dados para a escrita da história, seguidos de relatos cronológicos de sua vida no período de sua vida acadêmica. Essa concepção se torna interessante por permitir a combinação das abordagens internalista e externalista, uma vez que ao descrever a evolução o pensamento da protagonista, a ênfase recai sobre o ponto de vista interno de uma memória que consiste de estruturas sociais. Contudo, ao abordar as relações entre este e a comunidade ou época, a observação recairá para as variáveis externas como determinantes do processo científico⁽⁹⁾.

Sendo assim, os registros das narrativas foram realizados mediante gravação com aparelho digital, garantindo a preservação completa das informações fornecidas pelos participantes. Em seguida, procedeu-se à transcrição literal, incluindo períodos de pausa, ênfases e qualquer tipo de expressividade oral, tanto do protagonista quanto do pesquisador, de modo a capturar de forma fiel a riqueza da comunicação verbal e não verbal.

Para a análise dos dados, o conteúdo das entrevistas foi tratado de forma analítica e interpretativa, permitindo identificar padrões, significados e relações entre as experiências relatadas e os objetivos do estudo. As transcrições foram organizadas em seções temáticas, que foram analisadas em forma de narrativa, considerando aspectos históricos, institucionais e sociais, conforme os objetivos propostos na investigação.

Para complementação e triangulação dos dados, foi realizada uma busca sistemática de artigos e documentos em bases científicas como SciELO, PubMed, LILACS e Google Scholar, utilizando descritores relacionados à Escola de Enfermagem de Manaus, Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), história da enfermagem e memória profissional. Adicionalmente, foram consultados artigos em jornais na base da hemeroteca Digital Brasileira. Para pesquisa na base de dados foram usados os descritores “EEM” “Escola de Enfermagem em Manaus” “Amazonas” “SESP”, de modo a contextualizar as narrativas no quadro histórico e institucional da enfermagem amazônica.

A análise integrada das narrativas, da literatura científica e dos documentos históricos possibilitou construir um quadro interpretativo robusto, no qual os relatos pessoais de Margarida Campos foram relacionados às estruturas institucionais, aos modelos de formação profissional e às práticas sociais vigentes, garantindo uma compreensão crítica e aprofundada do objeto de estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Processos que antecederam a Escola de Enfermagem no Amazonas

Para compreender as motivações da criação da Escola de enfermagem será necessário analisar o cenário histórico que antecedeu sua formação. Neste contexto, o período da borracha, especialmente o primeiro ciclo (1879-1910), gerou grandes modificações na cidade de Manaus. O começo da estratificação delimita-se no primeiro governo do Presidente Getúlio Vargas

(1930-1945) onde houve a migração massiva de pessoas vindas do Nordeste para o Norte devido a extração do látex, estes trabalhadores eram denominados de soldados da borracha⁽¹⁰⁾.

Entre 1939 e 1945, o mundo presenciou a Segunda Grande Guerra, um conflito de proporções sem precedentes, envolvendo as grandes potências globais e diversas outras nações. Os países se dividiram em dois blocos militares: o Eixo, composto por Alemanha, Itália e Japão, e os Aliados, inicialmente formados por Polônia, França e Inglaterra. Posteriormente, a União Soviética e os Estados Unidos se uniram aos Aliados⁽¹⁰⁾.

Os Estados Unidos (EUA) só enviaram tropas após o ataque realizado pelo Japão à base de Pearl Harbour, no Havaí, em dezembro de 1941, um evento motivado pela expansão territorial Japonês e seu interesse em recursos do sudeste asiático⁽¹¹⁾. A entrada dos EUA na guerra resultou na adesão de outras nações ao bloco dos Aliados, incluindo o Brasil.

Até 1939, o Brasil procurou manter-se neutro frente à tensão mundial. O governo Vargas (1930-1945) mantinha acordos comerciais tanto com a Alemanha quanto com os Estados Unidos. Apoiar um dos lados, seja o Eixo ou os Aliados, implicaria, provavelmente, na perda de parceiros comerciais. Dada a fragilidade econômica brasileira, o presidente da República sucumbiu aos atrativos e à pressão dos Estados Unidos, que ofereceram cooperação em áreas estratégicas para o fortalecimento da economia brasileira, bem como para a solução de problemas de saúde e saneamento, tanto urbanos quanto rurais⁽¹¹⁾.

A “Batalha da Borracha” foi o nome atribuído ao evento em que, por meio dos Acordos de Washington (1942), decidiu-se que o Brasil contribuiria para abastecer o exército norte-americano com borracha, material de extrema importância para a indústria bélica⁽¹²⁾.

A produção na região amazônica deveria ser aumentada significativamente. Essa responsabilidade coube ao governo brasileiro devido ao fato de que a produção dos países asiáticos, especialmente a Malásia, estava sob controle japonês. Os chamados “soldados da borracha” eram os trabalhadores convencidos a aventurarem-se na extração de borracha na região amazônica⁽¹²⁾. A borracha amazônica emergiu como uma alternativa para o esforço de guerra, e os nordestinos, flagelados pela seca principalmente os cearenses foram recrutados como mão-de-obra para cumprir a tarefa essencial de ampliar a produção nacional dessa matéria prima⁽¹³⁾.

Foi criado um programa de migração, financiado com investimentos norte-americanos, com o intuito de estimular o processo migratório e fornecer garantias aos trabalhadores que decidissem partir para a Amazônia⁽¹⁴⁾. A *Rubber Reserve Corporation* (RRC) foi designada pelo governo dos Estados Unidos, em agosto de 1942, para financiar o programa de migração para o estado do Amazonas. Com o objetivo de transportar 4.800 pessoas por mês, foi estabelecido um posto de embarque para os migrantes em Fortaleza, além de pontos de recepção e alojamentos em Belém e Manaus⁽¹⁴⁾.

Diversos órgãos foram criados, destacando-se o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA). Outros órgãos criados foram a Superintendência de Abastecimento do Vale Amazônico (SAVA), a Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA) e o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP)⁽¹⁴⁾. Este último foi instituído no contexto dos Acordos de Washington para cuidar da saúde dos migrantes que decidissem ir para a Amazônia⁽¹⁴⁾.

O Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) promoveu uma campanha agressiva para recrutar trabalhadores, utilizando folhetos, cartazes e anúncios em rádios e jornais. Um exemplo significativo é o folheto "Rumo à Amazônia, terra da fartura", que exaltava o patriotismo e enumerava as inúmeras vantagens oferecidas aos migrantes que se alistassem no 'exército da borracha'. Entre essas vantagens, destacava-se o status de 'soldados da borracha', apesar de estarem dispensados do serviço militar. Os benefícios materiais incluíam fornecimento de alimentação e alojamento, assistência médica, equipamento para viagem e trabalho, adiantamento salarial e auxílio financeiro para suas famílias (15, 2000, p.141-142).

O SESP também esteve presente em outras regiões do país, como Minas Gerais e Paraná, e acabou por se tornar uma referência nas ações do Estado em relação à saúde pública no Brasil⁽¹⁵⁾.

O Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) foi criado em 17 de julho de 1942, fruto de um acordo entre os Estados Unidos e o Brasil. Suas principais atribuições incluíam o saneamento do Vale do Amazonas, a formação de profissionais para a saúde pública e a cooperação com o então Serviço Nacional de Lepra⁽¹⁴⁻¹⁶⁾.

A proposta norte-americana estabelecia acordos bilaterais com diversos países latino-americanos, incluindo o Brasil, como parte de um plano mais amplo iniciado na década de 1930, que visava aumentar a cooperação com os países do hemisfério sul. No entanto, com o avanço da Segunda Guerra Mundial, a criação do SESP também passou a garantir condições sanitárias adequadas no Amazonas e, posteriormente, no Vale do Rio Doce, com o intuito de expandir a produção de matérias-primas estratégicas para fins militares, como a borracha e minérios⁽¹⁶⁾. Neste contexto, Margarida Campos relatou em entrevista:

...esses acordos de Washington, eles criaram o SESP, o serviço especial de saúde pública, esse serviço especial ele criou unidades de acordo com o tamanho do município, tinha uma unidade para dar assistência médico sanitárias aos trabalhadores engajados nessa estação da borracha no Vale amazônico e na estação da bica no Vale do Rio doce (Campos, 2025).

Ao relacionar essa visão à fala de Margarida Campos, que recorda a criação e o funcionamento do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) e sua influência sobre a Escola de Enfermagem de Manaus, percebe-se que sua narrativa carrega não só informações históricas, mas também marcas afetivas e interpretativas sobre o que significou viver esse processo. Ao afirmar a frase supracitada, ela não apenas relata um evento, mas revive um período simbólico

e emocional de uma época em que a saúde pública e a formação em enfermagem eram instrumentos de modernização nacional e de controle social.

Trazer o relato de Margarida Campos, na perspectiva de Écléa Bosi⁽⁷⁾, é compreender a memória como uma forma viva de resistência ao esquecimento histórico e institucional. Para Bosi, lembrar não é apenas reconstituir fatos passados, mas reorganizar experiências e sentimentos à luz do presente, revelando como o indivíduo percebeu e internalizou as mudanças sociais de seu tempo.

Ao relembrar a criação do SESP, Margarida Campos mobiliza uma memória que não é apenas sua, mas da comunidade profissional da enfermagem e da saúde pública amazônica. Sua fala evidencia como as práticas e instituições criadas no contexto da Segunda Guerra Mundial como o SESP e as unidades médico-sanitárias voltadas aos trabalhadores da borracha compõem uma memória social institucionalizada, que perpetua as representações de uma época marcada pelo esforço de guerra, pela influência norte-americana e pela reorganização do sistema de saúde no Brasil.

Halbwachs⁽⁶⁾ destaca que as lembranças são moldadas pelos marcos coletivos e sociais do grupo, Margarida exemplifica como essa memória coletiva se manifesta na narrativa histórica da enfermagem amazônica. Seu relato resgata não apenas fatos, mas sentidos compartilhados de missão, disciplina e intervenção sanitária que marcaram a identidade da profissão e das instituições formadas sob a égide do SESP.

Após o fim da guerra, o foco das atividades do SESP se transformou, e a organização tornou-se um importante prestador de serviços de saúde nas regiões prioritárias dos planos de desenvolvimento do governo brasileiro. O modelo de atuação do SESP passou a enfatizar a qualificação dos profissionais da saúde, a educação sanitária e a construção de uma rede integrada e permanente de serviços de saúde, o que resultou na expansão desse modelo para outros departamentos estaduais de saúde⁽¹⁷⁾.

O SESP adotou o modelo norte-americano como referência para estabelecer uma proposta pioneira de atenção primária à saúde no Brasil. Assim, ele se tornou uma agência especializada que introduziu uma moderna administração sanitária nos estados brasileiros, incorporando práticas eficazes de regulação, como a coleta de estatísticas vitais, a higiene infantil, a prevenção de acidentes, o controle da tuberculose e a educação sanitária⁽¹⁸⁾.

Contudo, o modelo do SESP não foi simplesmente uma imposição do padrão norte-americano no Brasil. Pelo contrário, tratou-se de uma troca bilateral, refletindo tanto as ideias discutidas em fóruns internacionais quanto a convergência com o projeto do governo de Getúlio Vargas de institucionalizar a saúde pública no país. O SESP (esta instituição) teve um papel significativo em regiões com pouca presença estatal, como o Amazonas, ainda fortemente influenciadas pelas oligarquias locais⁽¹⁸⁾.

A partir das memórias de Margarida Campos, tornou-se possível reconstruir parte significativa da trajetória da enfermagem no Amazonas, evidenciando a forma como o SESP influenciou os padrões de ensino e a organização dos serviços de saúde. Sua narrativa, ao relembrar a criação e as práticas desse modelo, revelou aspectos simbólicos e ideológicos que ultrapassam o relato individual e compõem uma memória coletiva da enfermagem amazônica. Sob a luz de Maurice Halbwachs, a recordação de Margarida expressa o modo como as lembranças são socialmente estruturadas e perpetuadas dentro de grupos profissionais, tornando-se instrumentos de identidade e pertencimento.

Criação da Escola de Enfermagem em Manaus: ideologias, formação e prática

Na década de 1940, Manaus despedira-se do auge proporcionado pelo ciclo áureo da borracha, inserindo-se em um período de abandono impulsionado pelas políticas públicas vigentes no país⁽¹⁹⁾. Em meio à ordem social e política brasileira, a cidade carecia de cursos acadêmicos na área da saúde, o que contribuiu para a escassez de recursos humanos no setor de saúde do Amazonas⁽²⁰⁾. Esse cenário despertou a atenção de profissionais e autoridades locais, que começaram a refletir sobre a necessidade urgente de uma instituição de ensino superior de Enfermagem na região amazônica⁽²¹⁾.

Com a criação e desenvolvimento de estratégias de saúde pública no Brasil, foi necessário expandir a formação de profissionais de Enfermagem, tanto em nível superior quanto técnico, no Brasil, entre 1942 e 1960^(21,22). Inicialmente, uma dessas estratégias foram, a concessão de bolsas de estudo para cursos de Enfermagem, principalmente nos Estados Unidos e no Brasil. Em seguida, destacou-se o trabalho das enfermeiras do SESP na formação de auxiliares, como visitadoras sanitárias e auxiliares hospitalares⁽²³⁾.

O SESP teve um papel na cooperação para a expansão do ensino de Enfermagem no Brasil, apoiando sistematicamente a criação de novas escolas e atuando como um agente catalisador na implementação de um novo modelo de prática na profissão de Enfermagem, esse modelo, posteriormente transformado em fundação, exemplifica como as instituições evoluíram ao longo do tempo⁽²⁴⁾. Mesmo após o fim da guerra, alguns compromissos acordados permaneceram em vigor. A transição para uma fundação brasileira, apoiada majoritariamente pelo governo, foi um desdobramento desse processo.

No sentido bourdieusiano¹, o SESP detinha o capital científico e institucional dominante, definindo as regras do jogo dentro do campo da saúde pública amazônica. Os professores e enfermeiros vinculados a ele, vindos de outras regiões ou do exterior, ocupavam

¹ Refere-se a Pierre Bourdieu

posições de maior prestígio e autoridade simbólica, enquanto os profissionais locais precisavam adaptar-se a esse novo modo de vida.

Por se tratar de um modelo pós-guerra e oriundo de um acordo Estados Unidos e Brasil, a Escola de Enfermagem tem seus pilares e ideologias voltadas para esse contexto. A influência Americana, trouxe para o Brasil um modelo de saúde e disciplinaridade, que na época em questão ergueu uma instituição grandiosa. O militarismo, e a religião trouxeram uma voracidade na prática e destreza para os profissionais que se formavam. Diante desse contexto Margarida Campos relata:

...ela é originada de duas instituições extremamente repressoras que é a igreja e o exército, então ela traz essa carga toda, quando ela é instalada aqui em Manaus do esforço de guerra além dela ter essa herança, ela ganha outra que reforça essa herança dela, que ela vem de uma concepção de uma ideologia sespiana², uma ideologia americana (Campos, 2025).

Nesse sentido, a Escola de Enfermagem implantada no Amazonas constitui-se como um espaço de produção e transmissão de memórias coletivas, nas quais se cristalizam valores, ideologias e práticas herdadas de contextos político-culturais específicos, como o militarismo, a religiosidade e a cooperação internacional do pós-guerra.

As narrativas de profissionais, como Margarida Campos, revelam como essas heranças institucionais oriundas do SESP e do modelo americano permanecem vivas na memória dos sujeitos e nas estruturas simbólicas da profissão, reforçando a continuidade de um hábito disciplinar e vocacional que ultrapassa gerações. Assim, o relato individual da enfermeira é também expressão de uma memória social compartilhada, que traduz as marcas deixadas por processos históricos mais amplos sobre a identidade profissional da Enfermagem amazônica.

O início da escola de enfermagem (EEM) em 1949 está, de fato, intrinsecamente ligada a um acordo pós-Segunda Guerra Mundial, quando certos compromissos persistiram mesmo após o término formal do conflito em 1945⁽²⁵⁾. Ao formalizar acordos, é comum que obrigações perdurem, e neste caso, a criação da escola de enfermagem resultou diretamente desses compromissos remanescentes.

A EEM obteve a autorização para seu funcionamento junto ao Ministério da Saúde em 14 de dezembro de 1951, por meio da Portaria nº 1.051/51, sendo posteriormente reconhecida pelo Decreto-Lei nº 36.000, de 13 de dezembro de 1954. Em 1955, a EEM apresentou à sociedade amazonense sua primeira turma de enfermeiras formadas, composta por Aracy de Lemos Guimarães, Doralice dos Santos Demasi, Maria Tereza das Neves Campos e Raimunda Batista de Souza⁽²⁶⁾.

² Termo que se refere ao Serviço Especial de Saúde Pública.

Comprometida com a missão de promover o saber acadêmico, a EEM encontrava-se vinculada ao Ministério da Saúde, ou seja, a despeito de ser uma instituição de ensino, não teve seu início no Ministério da Educação. Essa situação gerou, em meados da década de 1990, intensos debates e questionamentos sobre o lócus institucional mais adequado para sua atuação. A transferência da EEM ocorreu por meio de ato normativo, a Lei nº 9.484, de 28 de agosto de 1997, que formalizou sua passagem da Fundação Nacional de Saúde (FNS) para a Fundação Universidade do Amazonas, atualmente Universidade Federal do Amazonas (UFAM), sob a tutela do Ministério da Educação⁽²⁷⁾. A respeito dessa transição Margarida Campos relatou:

[...] “Então, a escola precisava sair do casulo dela, daquela zona de conforto, e interagir com o mundo aqui fora, com a realidade aqui fora” (Campos, 2025).

Margarida Campos retratou a transição como um verdadeiro pontapé para novos horizontes e oportunidades, destacando que, embora existissem inseguranças naturais diante de uma mudança dessa magnitude, não havia da sua parte qualquer oposição ao processo. Pelo contrário, ela reconhecia que a transferência institucional poderia representar um avanço significativo para a estrutura acadêmica e para a consolidação da enfermagem como área de conhecimento no Amazonas.

A transição enfrentada pela Escola foi marcada por grandes desafios e dificuldades, especialmente devido à sua vinculação histórica com o Ministério da Saúde, originada na época do Serviço Especial de Saúde Pública.

A complexidade dessa transição pode ser atribuída à resistência humana à mudança. É comum que as pessoas se acomodem em suas funções e ambientes, desenvolvendo um forte apego ao *status quo*. Segundo Margarida Campos, Tal apego chegava a ser tão profundo que algumas se confundiam com a própria estrutura organizacional, como se fossem parte física do local. Essa cristalização institucional refletia-se tanto nas práticas administrativas quanto na mentalidade dos profissionais e acadêmicos que ali atuavam.

Essa mudança foi um grande desafio enfrentado para os acadêmicos e profissionais da época, Margarida Campos alegou que houve resistência às transformações, em grande parte, do medo natural que o novo provoca, especialmente em ambientes onde não há competição e onde a estabilidade é uma característica predominante. Por estarem habituados a um contexto de segurança e previsibilidade dentro da estrutura do Ministério da Saúde, muitos profissionais demonstraram relutância em abandonar essa zona de conforto. Assim, a transição para uma nova estrutura organizacional não foi apenas uma questão de readequação administrativa, mas também um desafio de mudança cultural e comportamental profundamente arraigado. A respeito disso ela afirmou:

Essa transição, foi difícil. [...]Não foi tranquila, porque a escola pertencia à estrutura do Ministério da Saúde, porque ela vem do SESP. Então ficou a Fundação SESP, F-SESP. [...]as

peças, existe um, é do ser humano, um sentimento de acomodação. E tem pessoas que ficam assim, elas até se confundem, com os móveis daquele lugar, elas se confundem, elas ficam tão arraigadas daquilo que é como se elas fizessem parte da estrutura, um pedaço do prédio, um móvel histórico que está lá (Campos, 2025).

Embora o medo e a inconstância nas pessoas ocupassem o lugar, a transição da EEM do Ministério da Saúde para o Ministério da Educação ocorreu no dia 27 de Agosto de 1997. As mudanças foram visíveis e significativas como a grade curricular, corpo docente e inclusão de pesquisa e extensão. A direção deixou de ser do SESP e determinou-se Universidade do Amazonas (UA)^{3(28,29)}.

As reflexões incitadas pelas narrativas de Margarida Campos nos levam a pensar que a rigidez e a ideologia enraizadas na escola de enfermagem derivam, em parte, de sua origem como uma instituição voltada para esforços de guerra. Essa ideologia, embora válida, é sujeita a questionamentos, particularmente em virtude da história rica e complexa da enfermagem⁽³⁰⁾. No século XIX, Florence Nightingale⁴, contribuiu para a formalização dos cuidados de saúde e o desenvolvimento dos princípios que continuam a orientar a prática da enfermagem até os dias atuais.

Margarida Campos Narrou que em virtude dessa ideologia do militarismo, a formação dos acadêmicos naquela época era disciplinada, em decorrência disso resultou em um modelo de escola que formavam enfermeiros com competência em ensino e prática. Atribuída de uma estrutura em um bosque naquela época localizado no Bairro de Adrianópolis, a Escola de Enfermagem havia exercício de internato para acadêmicos que não moravam na cidade de Manaus, visto que a Escola não comportava apenas alunos do Estado^(31,32). Diante disso Margarida Campos destacou:

[...] ela é originada de duas instituições extremamente repressoras que é a igreja e o exército, [...] a enfermagem vem dessa ideologia, aqui, então era assim, eu fui formada nessa raiz, eu fui formada ainda dentro da enfermagem de internato pra quem era de fora, quem era daqui passava o dia todo (Campos, 2025).

Por se tratar de uma Escola com base no SESP, a preparação acadêmica era de uma formação de conhecimento prático, visto que naquela época as atribuições da profissão não haviam sido concretizadas⁽³³⁾. Essa prática tornava enfermeiros admitidos de uma grande competência técnica para o cuidado de enfermos. Esse modelo de Ensino era designado para as necessidades da época, que necessitavam de profissionais dotados de práticas para atuar na saúde pública de Manaus⁽³⁴⁾.

Com essa necessidade e carência de profissionais qualificados para atuação na área, a EEM designou a formação em práticas com professores que eram do Serviço Especial de Saúde

³ Através da Lei nº 10.468 de 20 de Julho de 2002 recebeu a nova denominação de Universidade Federal do Amazonas.

⁴ Fundadora da enfermagem moderna.

Pública, estes apenas eram profissionais da saúde que vieram em decorrência do acordo de Washington para o Amazonas. Após a transição da EEM para o Ministério da Educação que o corpo docente foi inserido e a grade curricular mudada, originando então na conclusão do curso após 5 anos e a formação acadêmica foi atribuída não apenas com prática, mas também com teoria e extensão.

Sob a ótica da historiadora Ecléa Bosi⁽⁷⁾, que compreende a memória como um recurso essencial para a preservação da história e para a valorização das experiências individuais no interior da coletividade, as lembranças de Margarida Campos adquirem papel central na construção da História da Enfermagem no Amazonas. A evocação das práticas de internato, da disciplina e da formação voltada para o trabalho prático evidencia como a memória pessoal de Margarida se insere em um contexto histórico e social compartilhado, em que a enfermagem era moldada por estruturas de poder e por um ideal de obediência e moralização.

Do ponto de vista interpretativo, as contribuições de Écléa Bosi reforçam o caráter de resistência presente na fala de Margarida Campos, pois recordar é também afirmar a presença histórica das mulheres que construíram o cuidado e o ensino da enfermagem em um contexto de desigualdades regionais e de forte hierarquização institucional. Já a perspectiva de Pierre Bourdieu possibilitou compreender que a EEM se constituiu dentro de um campo científico em disputa, no qual a enfermagem buscava legitimidade e reconhecimento diante do predomínio médico e político. Assim, o relato de Margarida Campos se apresenta como testemunho e, ao mesmo tempo, como crítica a um sistema que moldou, mas também limitou, a autonomia e o protagonismo da categoria.

A análise da criação e evolução da Escola de Enfermagem de Manaus evidencia que a influência do SESP foi, simultaneamente, um marco de avanço e de controle institucional. O modelo implementado trouxe ganhos inegáveis à formação técnica e à organização do ensino em saúde, mas impôs padrões rígidos de conduta e disciplina que refletiam uma visão militarizada e moralista da profissão. Ainda assim, foi nesse contexto de tensões e contradições que se fortaleceu a identidade profissional da enfermagem amazonense, que, com o tempo, passou a reivindicar um ensino mais humanizado, crítico e voltado às realidades sociais da região.

Entre a saúde e a educação: novos rumos para a formação profissional

A trajetória da enfermagem no Amazonas revela um processo contínuo de mudanças, marcado por obstáculos que exigiram constante capacidade de adaptação e perseverança⁽²²⁾. A região, distante dos grandes centros e fortemente atingida por doenças infecciosas como malária, tuberculose e hanseníase, enfrentava ainda limitações estruturais significativas^(35,36). Durante as décadas de 1940 e 1950, Manaus convivia com carências básicas, incluindo fornecimento instável de água e energia, o que comprometia o funcionamento dos serviços

públicos. Nesse cenário adverso, implantar uma escola de enfermagem tornou-se um desafio que ultrapassava a formação técnica: era necessário mobilizar esforços para manter as condições mínimas de operação, demonstrando o compromisso e a determinação daqueles que buscavam consolidar a educação em enfermagem no estado⁽³⁶⁾.

Esses momentos de adaptações moldaram não apenas a prática profissional, mas também a estruturação e a formação dos enfermeiros, incluindo mudanças administrativas que impactaram diretamente a condução da Escola de Enfermagem. Dentre essas mudanças, destaca-se a transição da direção da instituição, vinculada ao Ministério da Saúde, que passou para o Ministério da Educação⁽³⁷⁾. Esse marco foi mais do que uma mudança burocrática: foi um reflexo das tensões e debates sobre a autonomia, a modernização e a identidade da profissão.

A EEM, como mencionada por Margarida Campos, possuía padrões inflexíveis: vestimenta impecável, ausência de adornos e uma disciplina que espelhava a organização militar⁽³⁸⁾. Essas regras não apenas moldavam a postura dos alunos, mas também refletiam a visão da época sobre a enfermagem como uma profissão técnica, de apoio e disciplinada^(39,40).

Essa imposição de padrões inflexíveis como vestimentas impecáveis, ausência de adornos e rigor disciplinar pode ser compreendida segundo Bourdieu⁽⁸⁾ como mecanismos de reprodução simbólica, por meio dos quais o SESP mantinha o controle sobre a produção e a transmissão do saber em enfermagem. A hierarquia, a obediência e a técnica eram, portanto, formas de capital simbólico que legitimavam o modelo sespiano de ensino.

Com o passar do tempo, especialmente nas décadas seguintes à guerra, tornou-se evidente a necessidade de uma formação mais ampla e adaptada às novas exigências da saúde e da educação⁽⁴¹⁾. O modelo anterior, vinculado ao Ministério da Saúde, priorizava uma abordagem prática e operacional, adequada às necessidades de saúde pública de um país em desenvolvimento. No entanto, esse modelo começava a mostrar suas limitações diante da crescente complexidade do sistema de saúde, que exigia profissionais com formação crítica, reflexiva e científica.

A transição da gestão da Escola de Enfermagem para o Ministério da Educação representou um ponto de ruptura significativo⁽⁴²⁾. Esse movimento simbolizava o reconhecimento de que a formação dos enfermeiros deveria transcender os limites do treinamento técnico e ser integrada ao sistema educacional mais amplo, como parte de uma política nacional de ensino superior. Essa mudança, entretanto, foi acompanhada de tensões e resistências. Margarida Campos relembra que muitos profissionais e gestores da época viam essa transição com desconfiança, temendo a perda de identidade e autonomia que marcavam o modelo anterior.

Com o tempo, contudo, a EEM foi se reconfigurando, buscando ampliar sua autonomia e adequar-se às novas demandas educacionais e de saúde da região. Esse processo de transição do controle ministerial e técnico do SESP para o vínculo com o Ministério da Educação e a

Universidade Federal do Amazonas pode ser lido, sob a ótica de Bourdieu⁽⁸⁾, como uma mudança nas relações de força dentro do campo, onde novos agentes passaram a disputar o monopólio da legitimidade científica da enfermagem amazônica.

Além disso, a passagem para o Ministério da Educação exigiu uma reestruturação significativa. Os Currículos precisaram ser revistos para atender às diretrizes nacionais de educação, e a EEM passou a adotar uma abordagem mais acadêmica, com foco na formação de competências científicas e na valorização da pesquisa⁽⁴³⁾. A transição também trouxe novos desafios administrativos, já que o Ministério da Saúde era reconhecido por oferecer uma estrutura centralizada e recursos destinados diretamente às demandas específicas da saúde pública, enquanto o Ministério da Educação seguia uma lógica mais ampla e voltada à integração com outras áreas do conhecimento⁽⁴³⁾.

Outro desafio foi o processo de adaptação dos alunos e professores à nova abordagem educacional. Enquanto o modelo anterior priorizava práticas bem definidas e uma disciplina rígida, o novo formato exigia a inserção de conteúdos teóricos mais complexos e a adoção de metodologias pedagógicas inovadoras. Isso também significava a necessidade de ampliar a formação dos professores, que precisavam estar preparados para lidar com o novo modelo de ensino baseado em competências, pesquisa e interdisciplinaridade⁽²⁷⁾.

Apesar das dificuldades iniciais, a transição trouxe avanços significativos para a formação e a valorização da enfermagem como profissão. Segundo Margarida Campos A inclusão da EEM no sistema de ensino superior permitiu maior integração com outras áreas do conhecimento, ampliando as possibilidades de colaboração interdisciplinar e o acesso a recursos acadêmicos e científicos. Os novos currículos passaram a valorizar não apenas a prática clínica, mas também a reflexão crítica, a liderança e a pesquisa em enfermagem, o que fortaleceu a identidade profissional.

Além disso, ela destaca a maior inserção acadêmica permitiu que a Escola de Enfermagem desenvolvesse programas de pós-graduação, promovendo especializações na formação desses enfermeiros. Isso não apenas qualificou os profissionais, mas também consolidou a enfermagem como uma ciência autônoma, com um corpo de conhecimentos próprio e relevante para os desafios contemporâneos da saúde.

4 CONCLUSÃO

Este estudo reafirmou a importância de compreender as perspectivas de Margarida Campos sobre criação e consolidação da EEM como parte de um movimento histórico maior, marcado pela influência direta do SESP e pelos efeitos dos Acordos de Washington durante o período pós-guerra. A EEM representou o início de uma nova fase de ensino e prática em enfermagem na Amazônia, estruturada sobre valores de disciplina, moralidade, eficiência e obediência institucional. Apesar das limitações impostas pelo isolamento geográfico, pela precariedade dos serviços públicos e pelo enfrentamento constante de doenças infecciosas, a

consolidação da escola representou um avanço significativo para a profissionalização da enfermagem no estado. A análise documental e teórica evidenciou como essa formação contribuiu para moldar não apenas o perfil técnico, mas também o comportamento ético e social dos enfermeiros amazonenses nas décadas seguintes.

Desta forma, a reflexão proposta contribui para ampliar a compreensão sobre a evolução da enfermagem no Amazonas e destaca a necessidade de se valorizar as instituições formadoras presentes na região. Estudos futuros podem aprofundar a investigação sobre o impacto da Escola de Enfermagem na formação profissional ao longo das décadas, bem como analisar as mudanças curriculares e os desafios contemporâneos enfrentados pela área.

Por fim, compreender a história da EEM por meio da memória de Margarida Campos é compreender também a trajetória da enfermagem no Amazonas como uma construção coletiva, marcada por desafios, resistências e conquistas. Sua narrativa ecoa como parte de uma herança simbólica que ultrapassa o tempo e reafirma a relevância de preservar a memória profissional como instrumento de reflexão e transformação. Trazer à memória essas experiências possibilita não apenas reconhecer o passado, mas também projetar caminhos para uma formação mais autônoma, sensível e comprometida com o cuidado integral ao ser humano e com o desenvolvimento social da Amazônia.

REFERÊNCIAS

1. Renovato RD, Bagnato MHS. O serviço especial de saúde pública e suas ações de educação sanitária nas escolas primárias (1942-1960). *Educ rev* [Internet]. 2010;(spe2):277–90. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-40602010000500017>
2. Campos ALV. Políticas internacionais de saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.
3. Silva JRC, Scudeller VV. Os ciclos econômicos da borracha e a Zona Franca de Manaus: expansão urbana e degradação das microbacias. *Res Soc Dev*. 2022; 11(6):e33611629103. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i6.29103>.
4. Filho EA de S, da Silva Mendonça Alves SB. ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO NA CIDADE DE MANAUS-AMAZONAS. *GEOFRONTER* [Internet]. 7º de outubro de 2022 [citado 17º de novembro de 2025];8. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/GEOF/article/view/7092>
5. Castro JL, Vilar RLA. O papel do SESP nas políticas de saúde do Brasil. *Hist Cienc Saude Manguinhos*. 2017;24(3):739-56.
6. Halbwachs M. A memória coletiva. 2ª ed. São Paulo: Centauro; 2006.

7. Bosi E. Memória e sociedade. In: Bosi E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras; 1994. Bourdieu P. O campo científico. Sociologias. 2004.
8. Bourdieu P. O campo científico. Sociologias. 2004.
9. Schneider DR. O Método Biográfico em Sartre: contribuições do Existencialismo para a Psicologia. revispsi [Internet]. 1º de agosto de 2008 [citado 15º de novembro de 2025];8(2):289-308. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/10745>
10. Neto TO, Batista Nogueira RJ. A cidade de Manaus e a crise da borracha: uma breve análise histórica. Estação Cient. (UNIFAP). 2016 Dec 20;6(3):9.
11. Andrade RP. “Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta”: Getúlio Vargas e a revista “Cultura Política” redescobrem a Amazônia (1940-1941). Bol Mus Para Emílio Goeldi Cienc Hum. 2010;5(2):453–68. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222010000200015>.
12. Pontes CJF. A guerra no inferno verde: segundo ciclo da borracha, o front da Amazônia e os Soldados da Borracha. South Am J Basic Educ Tech Technol [Internet]. 2015 [citado 19 out. 2025];2(1):56-67. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/218>.
13. Nascimento MG. Migrações nordestinas para a Amazônia. Rev Educ Cult Meio Amb. 1998 Dec;2(12).
14. Campos ALV de. Políticas internacionais de saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942–1960. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.
15. Coelho Freitas F, Terezinha Bretas Vilarino M, Augusto dos Santos M. Os soldados da borracha: a migração de trabalhadores cearenses para a Amazônia no âmbito da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Rev Hist Amazônica. 2000;5(1):45–62.
16. Costa ES. A saúde em tempos de guerra: as ações dos guardas sanitários do SESP na Amazônia paraense (1942–1945). Hist Rev. 2023;28(1).
17. Pereira GL. “Soldados da borracha” esquecidos ou não lembrados? Margens Rev Interdiscip. 2014 Aug;8(11):199–217.
18. Campos ALV de. O Serviço Especial de Saúde Pública: políticas internacionais e respostas locais. Hist Rev (Pelotas). 2005 Dec; 11:37–61.
19. Miranda GA. Doutores da Batalha da Borracha: os médicos do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para Amazônia (SEMTA) e o recrutamento de trabalhadores para os seringais em tempo de guerra (1942–1943) [dissertação]. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz; 2013.

20. Campos RP. Políticas internacionais de saúde na Era Vargas: o serviço especial de Saúde Pública [Resenha]. *Cad Saude Publica*. 2007;23(5):1237–8. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000500026>.
21. Carvalho FLO, Costa DM, Silva BO, Martins FL, Rodrigues WP, Fraga FV, et al. O legado de Vargas no Brasil. *Rev Saude Foco* [Internet]. 2019 [citado 22 nov. 2024];(11):732-46. Disponível em: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/06/065_O-LEGADO-DE-VARGAS-NO-BRASIL_732_a_746.pdf.
22. Batista JS, Perdomo SB, Sá LHG, Silva NC, Osis SL. A luta por distinção na fundação da Associação Brasileira de Enfermagem Seção Amazonas (1950). *Hist Enferm Rev Eletr*. 2025;16:e004. <https://doi.org/10.51234/here.2025.v16.470>.
23. Peçanha AMM. Fundação Serviços de Saúde Pública - FSESP: um estudo de desenvolvimento institucional [dissertação]. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Administração Pública; 1976 [citado 16 nov. 2024]. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/358c0de5-284a-4c4f-8de249b4decad3a2/content>
24. Serviço Especial de Saúde Pública (BR). *Escola de Enfermagem de Manaus* [Internet]. Rio de Janeiro: Fundação Serviço Especial de Saúde Pública; 1976 [citado 2025 out 19]. Disponível em: <https://repositorio.funasa.gov.br/handle/123456789/309>
25. Lopes Neto D, Santos da Silva M. Os diretores da Escola de Enfermagem de Manaus (1949 a 2007). *Rev Bras Enferm*. 2016;69(2):123–30.
26. Lima FS. As raízes da Faculdade de Educação da UFAM: uma análise do contexto em que a instituição se desenvolveu (1960–1980). *Amazonida / Periódicos UFAM*. 2020
27. Brasil. Lei nº 10.468, de 20 de junho de 2002. Altera o art. 3º da Lei nº 4.069-A, de 12 de junho de 1962, dando nova denominação à Universidade do Amazonas. *Diário Oficial da União*, 21 jun 2002.
28. Instituto Durango Duarte. Prédio da Escola de Enfermagem de Manaus. Manaus: Instituto Durango Duarte; [s.d.]. Disponível em: <https://idd.org.br/iconografia/predio-da-escola-de-enfermagem-de-manaus/>
29. Carvalho AP, Barroso DB, Silva NC, Lopes Neto D. História e pioneirismo de Josephina de Mello. *Anais do 71º Congresso Brasileiro de Enfermagem*. [S.l]: ABEn; [s.d.]. Available from: <https://portal.eventosaben.org.br/71cben/anais/resumos/6635302/Resumo.pdf>

30. Campos PFS. Programa Enfermagem do SESP: Formação e Identidade Profissional Brasileira Pós-1930. *Cadernos de História da Ciência* [Internet]. 2012 Jun 30;8(1). Disponível em: <https://doi.org/10.47692/cadhistcienc.2012.v8.35822>
31. Bentes DS. Outras faces da história: Manaus de 1910-1940 [dissertação]. Manaus: Universidade Federal do Amazonas; 2008. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/3942>.
32. Andrade RP. “Conquistar a terra, dominar a água, sujeitar a floresta”: Getúlio Vargas e a revista “Cultura Política” redescobrem a Amazônia (1940-1941). *Bol Mus Para Emílio Goeldi Cienc Hum.* 2010;5(2):453–68. <https://doi.org/10.1590/S1981-81222010000200015>.
33. Vilena KC, Miranda RL. Conformação da ‘moderna’ enfermagem brasileira e interfaces com os Saberes Psi: um estudo historiográfico – 1932-1988. *Saúde em Debate.* 2023;47(139):918-930. doi:10.1590/0103-1104202313914.
34. Mitchell PD. *Trauma and surgery in the Crusades*. [Internet]. University College London; 2019 [citado 2025 out 21]. Disponível em: https://discovery.ucl.ac.uk/id/eprint/10103051/1/Trauma_and_surgery_in_the_Crusades.pdf
35. Santos SA. Configuração e difusão da cultura sespiana no Brasil (1942–1960): participação de enfermeiras e visitadoras sanitárias [dissertação/artigo]. 2022. Disponível em: https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/12008/1/Configura%C3%A7%C3%A3o%20e%20difus%C3%A3o%20da%20cultura%20sespiana%20no%20Brasil%201942%201960_participa%C3%A7%C3%A3o%20de%20enfermeiras%20e%20visitadoras%20sanit%C3%A1rias.pdf
36. Santos SA. *Configuração e difusão da cultura sespiana no Brasil 1942-1960: participação de enfermeiras e visitadoras sanitárias* [dissertação]. Maceió: Universidade Federal de Alagoas; 2022. Disponível em: repositório UFAL.
37. Vilarino MTB. *Da lata d’água ao SESP: tensões e constrangimentos de um processo civilizador no Sertão do Rio Doce (1942-1960)* [dissertação]. Belo Horizonte (MG): Universidade Federal de Minas Gerais; 2015. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1843/47315>
38. Peres MAA. *Uniforme como signo de uma nova identidade de enfermagem*. *Rev Esc Enferm.* 2014; (artigo).
39. Universidade Federal do Amazonas. Ufam comemora jubileu de prata da Escola de Enfermagem de Manaus como unidade acadêmica [Internet]. Manaus: UFAM; 2022 Set 20 [citado 2025 Nov 15]. Disponível em: <https://ufam.edu.br/noticias->

40. Santiago ES. *Tradição e modernidade: desanexação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP)* [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2011.
41. Oliveira CS de. A 2ª Guerra Mundial e o retorno das enfermeiras americanas ao Brasil. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2000;4(2):209-16. doi:10.1590/S1414-81452000000200008.
42. Campos PF de S. *Políticas de saúde e relações de poder no Amazonas (1942-1966): o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP) e a política de enfermagem no Estado do Amazonas* [tese]. Rio de Janeiro (RJ): Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca; 2006.
43. Hobsbawm E. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914–1991*. Tradução: Marcos Santarrita; revisão técnica: Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras; 1995.